# A Modéstia do Sábio

Ciro Colares

Sem nem lhe saber o nome quando eu era menino, Raimundo Girão se tornou para mim (e que se diga aqui por tabela) um dos meus tipos inesquecíveis, inicialmente através da Coluna da Hora, onde plantei saudades para colhê-las agora. Essa minha admiração pelo mestre consolidou-se muito tempo depois, quando já o conheci como intelectual e como figura humana.

Não quero louvar o grande historiador cearense, o escritor, a sua cultura, porque muitos já o fizeram com invulgar brilhantismo. O que quero, neste singelo texto, é apenas (o que para mim é muito) reabrir relembranças, doces e boas relembranças, graças a Raimundo Girão, que me deu na infância a Coluna da Hora, que fez história, plantou e marcou história para o povo no centro da praça.

Ninguém nem ligava para os oitizeiros, nem mesmo para os passarinhos que às vezes andavam pelo chão (inclusive a rolinha, inclusive o sanhaço, irremediavelmente desaparecidos), porque o que se via era somente a Coluna. Ela era o ponto mais visado pelo povo, vista de maneira permanente durante o dia, consultada de segundo a segundo durante a noite, pelo menos até às vinte e três horas, na partida do último bonde. Parecia que toda a cidade tinha os olhos presos ao relógio erguido bem no meio da praça.

Nesse tempo, eu era boy, trabalhava nos altos do Edifício Maranguape. Merendava embaixo, na Leão do Sul, mas antes da merenda olhava o relógio da Coluna. Eram nove horas em ponto. Comia a tapioca e o bolo com a ga-

rapa de murici, tudo por apenas trezentos réis. E quem sempre me atendia era aquele rapaz de escoliose, simpático e risonho.

Só depois de olhar milhares de vezes o relógio da Coluna da Hora, na velha Praça do Ferreira, a fim de me orientar para a merenda, para o almoço, para o fim do expediente, mas principalmente para a Sessão Passatempo, do Majestic, às doze e dez, só muito depois e já rapaz feito, foi que vim a saber que esse benefício público à população de Fortaleza tinha sido realizado pelo prefeito Raimundo Girão. Liguei logo o seu nome à vivência minha com a Coluna da Hora, um marco de cimento lírico na minha infância, depois liguei tudo ao historiador e muito mais tarde ao amigo e ao mestre.

A gente sentava-se nos bancos de madeira da praça, confortáveis, simplesmente funcionais, ficava-se jogando os números de carro, tão poucos na época, tão inofensivos em atropelamentos. A baratinha 81 (oito e um, nove batido), preta, vinha pela Floriano Peixoto, depois de dobrar à direita da Pedro I. Claro que já eram sete horas (foi o relógio-volante mais certo que conheci até hoje), olhava-se para a Coluna somente para confirmar, debandava-se para o emprego. Eu subia a escada do prédio aos saltos, os meus companheiros corriam para as lojas que formavam o quadrado da praça.

Era muito comum se apanhar o bonde para rodear a praça, brincando. Os meninos chamavam de "buchecha". Foi nesse tempo que aprendi a descer "de costas" dos bondes em movimento. Na primeira vez, quase caí para trás, mas depois me acostumei e passei a só saltar de bonde quando ele ia com tudo, "a oito ponto", como se dizia. Tudo isto se fazia com os olhos no relógio da Coluna da Hora, que era para não se chegar atrasado e se perder o emprego.

Nunca mais me esqueci do espetáculo. Vindos pela Pedro Borges (o Liceu ficava na Praça dos Voluntários), muitos liceístas chegaram à Praça do Ferreira marchando. Era um "trote'. Ao pé da Coluna da Hora, os veteranos mandaram os calouros que tirassem os sapatos. Fizeram a mistura e depois formaram uma verdadeira pirâmide de calçados. Quando ordenaram, aos gritos, "Calcem os sapatos", foi aquela divertida e barulhenta esculhambação. Já era noite e alguns estudantes ainda procuravam os seus sapatos, consultando o relógio da Coluna da Hora. No meio deles es-

tava o Haroldo, rapazola comprido, altão, que trabalhava nos armazéns de Gutemberg Teles & Cia. Ltda.

Suspendo a batida na máquina e estendo o braço esquerdo. Apanho na prateleira ao lado o livro *Fortaleza e a crônica histórica*. Releio o oferecimento: "Para Ciro Colares, pequena retribuição a seu primoroso *Fortalezamada*. Raimundo Girão". Sinto e revejo a modéstia de um sábio. O menino chora, (ou ri de contentamento?) recordando a Coluna. E vem de lá correndo, depois de atravessar a Praça do Ferreira, ao encontro da hora presente. Tudo parece mentira.

Transcrito do D.O. Letras — Ano III n.º 12 — julho/setembro 1988.